

Marcel Vejmelka*

⇒ O mundo tricolor: o futebol no universo de Nelson Rodrigues**

Para Christoph Vieira Schmidt e a sua *Eintracht*.

1. As regras do jogo

Analisando os elementos estruturantes que interligam e penetram textos de diferentes gêneros da obra de Nelson Rodrigues, Victor Hugo Adler Pereira constata a presença do princípio da teatralidade em todas as forma textuais:

[A]s crônicas e os romances folhetinescos que publicou testemunham da mesma “teatralidade” que encontrou veículo privilegiado no palco; [...] a definição do que seja “teatral” possa caracterizar manifestações artísticas de gêneros diferenciados, apresentadas em variados veículos, não se constituindo exclusivamente de um “fato do palco” (Adler Pereira 1999: 127).

Fundamento desta escrita é o estilo jornalístico que Nelson Rodrigues exercia já a partir dos 14 anos de idade nos jornais de seu pai (*A Manhã, Alma Infantil, A Crítica*). Esse aprendizado o equipou com as técnicas que mais tarde iriam marcar o seu estilo literário, particularmente a combinação de jornalismo e dramaturgia. Adler Pereira destaca dois elementos: a construção dos personagens e a relação dos textos com o ambiente urbano (134). Desse modo é nas peças teatrais situadas na vida cotidiana e no presente do Rio de Janeiro –nas *tragédias cariocas*– que existe a maior proximidade estrutural e lingüística com as crônicas e contos. Um elo importante nisto é, segundo Adler Pereira, a utilização de elementos da tragédia clássica e de clichês saturados e exagerados ao ponto de um delírio verbal com efeitos surpreendentes e chocantes (137). Adler Pereira interpreta a obra rodriguesana como um dispositivo de “máquinas de reter e soltar” que atravessa todos os gêneros literários e jornalísticos, onde os elementos sociais e culturais da vida suburbana carioca funcionam como um “combustível” para acumular significados em suas variadas dimensões, e soltá-los finalmente de forma explosiva.

* *Doutor em Letras/Estudos Latino-americanos pela Universidade Livre de Berlim com tese sobre João Guimarães Rosa e Thomas Mann (Kreuzungen: Querungen 2005), atualmente assistente de Prof. Dr. Otmar Ette no Instituto de Romanística na Universidade de Potsdam. Areas de interesse: literatura latino-americana, teoria literária e cultural, tradução em teoria e prática. Correio eletrônico: marcel@vejmelka.de.*

** O presente ensaio é uma versão traduzida e adaptada de palestra proferida na *Semana Nelson Rodrigues*, organizada pela Embaixada do Brasil em Berlim, em 28 de abril de 2006.

A tematização do universo familiar e de suas conexões com outros âmbitos do social serve como combustível aos grandes delírios produzidos no teatro de Nelson Rodrigues. Pautado na ótica da “desrazão”, na crônica ou no romance, como vimos, a mesma teatralidade é acionada na criação das várias possibilidades de produção e funcionamento das subjetividades e das diversas famílias em que se conectam (137).

Esta interpretação baseia-se na leitura de Flora Sussekind, que caracteriza a escrita de Nelson Rodrigues com o conceito do “fundo falso”, uma estratégia do engano e desengano das expectativas do leitor, de conduzi-lo a inesperadas e surpreendentes possibilidades de significação. Aqui os mundos do teatro e do futebol se interpenetram nas enunciações e nos significados produzidos nas peças e crônicas: “Um fato que chama atenção na obra de Nelson Rodrigues é justamente sua diversificação por estes dois campos aparentemente tão semelhantes: o teatro e o futebol” (Sussekind 1977: 9). O que liga teatro e futebol é o elemento do espetáculo, da exterioridade com respeito à vida cotidiana, a sua localização num espaço limitado e claramente dividido —o palco e o campo, o auditório e a arquibancada—, papéis igualmente divididos e o tempo pré-definido. Separam-nos as diferenças: a participação e expressão da torcida, normalmente não prevista no teatro, onde a peça segue uma trama ou um texto, ao contrário da partida de futebol, que evolui espontaneamente. Na obra de Nelson Rodrigues, entretanto, o futebol é regido por leis e condições extra-futebolísticas: a intervenção divina, o destino, a providência.

Flora Sussekind comprova a sua tese da analogia entre teatro e futebol na peça *A falecida*, onde esta analogia é personificada pelo personagem de Tuninho, representante do mundo suburbano marginalizado (11). Essa natureza contraditória do futebol o torna elemento essencial na constituição da identidade nacional brasileira, fato intensificado pela presença invisível do jogo na peça. No mesmo sentido Nelson subverteria a aparente naturalidade com a qual se lida com esse esporte, a aceitação da objetividade dos fatos, para romper com o uso comum da linguagem: encenado dessa forma, o futebol se apresenta não como imprevisível mas como pré-figurado pelo destino.

Os personagens da peça falam sobre futebol, o tempo todo se comenta a intenção de Tuninho de apostar no seu clube Vasco da Gama no próximo jogo contra o Fluminense. A dramaturgia da peça fundamenta-se em referências ao cotidiano das camadas pobres do Rio de Janeiro, aproximando-se das regras que definem tanto o futebol quanto a luta pela sobrevivência dos habitantes dos subúrbios e da Zona Norte cariocas: leis e regulamentações são dribladas, a linguagem dos textos é desconstruída em analogia a esse processo. Nas duas áreas se invertem os lugares-comuns e clichês através do uso excessivo (Adler Pereira 1995: 140).

Após o falecimento de sua esposa, Tuninho fica sabendo que esta o traiu. Antes de sua morte, que ela ansiava obsessivamente, ela dispôs tudo de modo a que o seu amante teria que lhe pagar um enterro pomposo. Tuninho recebe este dinheiro, mas compra para a falecida o caixão mais barato, nem assiste ao enterro e aposta tudo no Vasco. Ruy Castro, biógrafo de Nelson Rodrigues, analisa este entrelaçamento de futebol, vida suburbana e teatro, que na época da estréia de *A falecida* causava escândalos:

Hoje isso parece claro. Nelson deixou que a cor local de “A vida como ela é...” contaminasse “A falecida”. A história podia ser dramática, mas alguns personagens eram mesmo gaiatos, falavam a gíria corrente, estavam vivos. Cenário e tempo não eram “qualquer lugar ou qualquer época”, como nas outras peças, mas a Zona Norte do Rio (nominalmente, a

Aldeia Campista), com uma rápida passagem pela Cinelândia. O tempo era hoje, 1953 (Castro 1992: 247).

Nelson rompeu com o tabu do futebol como esporte e elemento cultural das massas, dos pobres, utilizando a paixão fanática do personagem principal pelo Vasco como elemento estrutural da trama, situando a cena final da peça no Maracanã durante o jogo Vasco x Fluminense com 200.000 espectadores, colocando o auditório no lugar da torcida adversária e finalizando no autêntico jargão futebolístico, com o tradicional grito de guerra do vascaíno:

Tuninho – Vou apostar com 200 mil pessoas! Dou dois! Três! Quatro! Cinco gols de vantagem e sou Vasco!

(Tuninho insulta a platéia.)

Tuninho – Seus cabeças-de-bagre!

(Tuninho atira para o ar as cédulas. Grita com todas as forças.)

Tuninho – Casaca! Casaca! A turma é boa. É mesmo da fuzarca! Vassssco!

(Tuninho cai de joelhos. Mergulha o rosto nas duas mãos. Soluça como o mais solitário dos homens) (Rodrigues 1993: 779).

Os personagens paródicos desenvolvidos por Nelson Rodrigues a partir da segunda metade dos anos 60, especialmente na crônica *O Reacionário*, publicada no jornal *O Globo* – como a grã-fina, os representantes da esquerda de classe alta, a estudante de psicologia da PUC, os padres revolucionários etc. – são interpretados por Adler Pereira como crítica das regras e máscaras sociais prescritas, assim como da incapacidade humana de se adequar a elas.

E são esses móveis mesquinhos, fornecidos pela realidade cotidiana, que levam os personagens aos estados limites das possibilidades humanas, aproximando-os dos trágicos. É o que se observa, por exemplo, nas crônicas futebolísticas em que a disputa de uma partida transforma humildes homens em heróis épicos e representantes de toda a nação, de toda a raça. Daí, quanto mais comezinho, banal e limitado o cotidiano descrito, mais eficientemente poderá ser utilizado para que seja comprovada a tese de que a grandeza do homem não se encontra exatamente naquilo que racionalmente poderia corresponder à expectativa de mobilizar as maiores paixões – mas na própria vitalidade da paixão (Adler Perreira 1999: 148).

Assim ele aponta mais uma vez para o elemento teatral na prosa rodrigueana, para o intercâmbio entre palco e texto, entre o cotidiano no palco, o texto no cotidiano (materializado no jornal) e o palco no texto, enfim para a “teatralização da narrativa” (185).

2. “Quem é a bola?” – O universo do futebol

Nelson Rodrigues destaca-se do impressionante número de criações literárias brasileiras que tratam do futebol pela transgressão e travessia de limites tanto entre ordens literárias como gêneros ou temáticas, entre jornalismo e literatura, quanto entre os mundos de significação – enquanto sistemas simbólicos e discursivos – da escrita e do jogo. O futebol não é somente objeto dos textos, mas elemento estrutural, da mesma forma que há uma percepção, direção e narração literária dos jogos: os jogadores aparecem como

personagens de romances ou como poetas, escritores como inventores de táticas e modos de jogar. Combinando literatura e jogo futebolístico, Nelson Rodrigues supera o meramente anedótico, tratando os dois a partir de seu contexto cultural e histórico comum da sociedade que os instaura e faz surgir. Porque o futebol não é somente uma parte integral – e até essencial – da obra de Nelson Rodrigues, mas também do universo sociocultural que inspira e constitui a sua escrita nas diferentes modalidades.

A totalidade da obra rodrigueana constitui uma rede complexa de referências internas e interferências entre os gêneros literário e jornalístico. O mesmo vale para as temáticas e os personagens, que transitam sem obstáculos entre teatro, conto e crônica, formando uma densa rede intertextual. Tais personagens, situações ou acontecimentos, que vão desencadear uma reflexão ou um motivo para reaparecer mais tarde em outros textos e serem recarregados simbolicamente através da permanente repetição, podem proceder tanto da literatura quanto da “vida como ela é ...” – parafraseando o título da coluna de contos em torno ao amor, traição e outras paixões, publicados entre 1951 e 1961 no jornal *Última Hora*.

Tais repetições de metáforas, ditados e situações são um elemento estilístico essencial da escrita rodrigueana. A “grã-fina das narinas de cadáver”, por exemplo, tem a sua estréia dentro do Maracanã, numa crônica de futebol do ano de 1969:

O que nós chamamos de “grã-fina” é algo impalpável, atmosférico. Sem querer, saiu-me a palavra exata. Ela não é um vestido, uma jóia, um sapato ou uma *lingerie*. Tudo isso pode ser comprado e imitado. O que não se compra, nem se imita, é a atmosfera que a grã-fina tem. [...] Seu rosto é uma máscara amarela. Mas a cor era o de menos. (van Gogh adorava o amarelo.) Tantas se pintam assim, em qualquer país e qualquer idioma. Mas aquela grã-fina tinha, sim, um sinal exterior que a distinguia de tudo e de todos: – as narinas de cadáver (Rodrigues 1991: 23).

Partindo desse encontro, a grã-fina é o pretexto para as mais variadas reflexões sobre a natureza do futebol, também para além do jogo propriamente dito. Pois esta representante exemplar da alta sociedade carioca simboliza a importância social do esporte que vai muito além de sua compreensão. É nos grandes jogos que aparece a grã-fina das narinas de cadáver, e invariavelmente pergunta a alguém: “Quem é a bola?”; “Em qual time joga o Fla-Flu?” ou “O *corner* já chegou?” (Rodrigues 1999: 141). Na obra rodrigueana esse interesse generalizado e ignorante pelo futebol adquire um significado ainda mais amplo, porque sempre se trata também de questões da transcendência do nacional:

Entre as minhas leitoras, muitas jamais entraram no Estádio Mário Filho, e suspiram: – “Eu não gosto de futebol”. Outras poderiam perguntar, como a grã-fina das narinas de cadáver: – “Quem é a bola?”. Todavia, há um momento em que todos entendem de futebol e gostam de futebol. É quando está em causa o destino do escrete. Na hora da seleção, até a grã-fina das narinas de cadáver adquire uma súbita clarividência (142).¹

¹ Mário Filho, irmão maior de Nelson, foi, nos anos 30 a 50, o mais influente jornalista esportivo do Brasil e contribuiu de forma decisiva para a estruturação do campeonato carioca. Foi também o principal promotor da construção do Maracanã, que desde 1966 leva o seu nome: Estádio Jornalista Mário Filho. Talvez não tenha sido o inventor do clássico entre Flamengo e Fluminense, mas foi ele quem cunhou e divulgou a expressão “Fla-Flu”.

Ao mesmo tempo, esse encontro mostra a condensação que ocorre no estádio, concretamente no Maracanã, no contato dos grupos sociais separados na vida real, concretamente no Rio de Janeiro, e com isto a força integradora que se veicula através da identificação com o futebol. Adriana Facina analisa a representação desse universo na obra rodrigueana sob aspectos da antropologia urbana:

O Maracanã aparece, portanto, como o cenário das diferenças sociais da sociedade brasileira, mas também da possibilidade de minimizá-las através da paixão compartilhada pelo futebol. Não se trata de uma utopia igualitária, já que, mesmo no Maracanã, o grã-fino que fica na tribuna de honra ou nas cadeiras mantém a sua superioridade na hierarquia social em relação aos trabalhadores pobres que frequentam a geral. Trata-se, sim, de uma perspectiva em que a desigualdade não obstrui a interação social entre desiguais e o compartilhar de valores comuns (Facina 2004: 190).

O personagem da grã-fina vai atravessando outros textos e contextos, por exemplo, quando Nelson trata das tendências esquerdistas da alta sociedade, encenando-se contra isto como “reacionário”. A grã-fina de repente começa a ler Herbert Marcuse (Rodrigues 1995: 150-153), faz psicanálise ou encontra a sua felicidade e realização lavando roupa no tanque (Rodrigues 1991: 176-179).

3. O futebol como ele é ...

O escritor Otto Lara Resende, amigo de Nelson, também é transformado em personagem dos textos rodrigueanos. O caso mais conhecido é certamente a frase enigmática “O mineiro só é solidário no câncer”, que na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha mas ordinária* figura como *leitmotiv* e motor para sempre novos jogos de idéias e significados. A mesma frase é o ponto de partida para Nelson Rodrigues numa crônica de 1963, que homenageia o empenho do mineiro Zé Luís Magalhães Lins pela permanência de Garrincha no Botafogo (Rodrigues 1999: 98-99). Otto Lara Resende, afirma Nelson, “não entende nada de futebol”. Justamente por esta inocência maravilhosa ele é sempre citado para elucidar o jogo com as suas sabedorias. O então “cachorro do Otto” vira símbolo da falta de auto-estima do Brasil, causada pela derrota, no Maracanã, contra o Uruguai na Copa do Mundo de 1950: “O brasileiro seria capaz de miar, em vez de latir, para despistar um desafeto. Isso em todos os planos de vida e, em especial, no futebol” (Rodrigues 1996: 24).

Numerosos personagens reais e fictícios, míticos e populares, povoam o universo rodrigueano. Como o “profeta”, parcial autoprojeção de Nelson, mas também um personagem fictício, que o autor de vez em quando consulta para saber como terminarão os jogos. Esse profeta encarna o senso comum futebolístico, que com cada previsão acertada ganha em autoridade, sem perder nada dela com os seus “erros”. Porque para Nelson “o profeta é burro”, de uma burrice ambígua que também caracteriza “o videotape”. Não diz nada sem intervenção da imaginação criativa que dota as informações objetivas de significado, e não vale nada quando pretende comunicar uma verdade incompatível com a narração e dramaturgia do jogo. O futebol não pode ser compreendido de forma racional e objetiva, é regido por lógicas sobrenaturais e irracionais. Exemplo disto é o personagem Sobrenatural de Almeida, que segundo Nelson teve os seus melhores tempos na

idade média (do futebol brasileiro), para sofrer uma decadência inevitável na renascença (do futebol brasileiro).

Hoje, o Sobrenatural mora num quarto infecto, em Irajá. E pior: – todas as manhãs, ao acordar, tem de entrar na fila do banheiro coletivo. Daí o seu horror aos homens e aos clubes. Seu campo de ação está limitado ao futebol. Podia gostar de um clube. Não. Quer ver a caveira de todos (Rodrigues 2002: 139).

O Sobrenatural foi marginalizado pela racionalização e racionalidade, pelos “idiotas da objetividade”, que assumiram o controle no futebol:

Os idiotas da objetividade não vão além dos fatos concretos. E não percebem que o mistério pertence ao futebol. Não há clássico e não há pelada sem um mínimo de absurdo, sem um mínimo de fantástico (Rodrigues 1994: 138).

Por isso, o Sobrenatural às vezes intervém negativamente nos jogos. Em 1967, o Sobrenatural de Almeida fez o Fluminense perder oito jogos seguidos. O clube só se salva com o “Gravatinha”, uma força sobrenatural exclusiva da sua mitologia, uma espécie de patrono dos torcedores tricolores, que faleceu em 1918 com 80 anos de idade e que desce de vez em quando do céu para ver jogar e vencer o seu time:

E essa figura extraterrena, que ninguém tem, e só nós temos, é de uma doçura inenarrável. Quando o torcedor pó-de-arroz chega, e vê o “Gravatinha”, já sabe: é a vitória. Sim a simples presença do venerando e finado tricolor significa bicho no bolso e o time já pode gastar por conta (218).

Ou a “leiteria”, que ajuda o goleiro e não deixa nenhuma bola entrar na rede. Num jogo contra o América em 1958, o Fluminense está vencendo por 1 x 0, o adversário está pressionando para empatar, mas por repetidos milagres a bola só bate na trave ou sai para fora. “Salvara-se o Fluminense de um gol certo, infalível, catastrófico. Ao meu lado, um americano abria os braços: – ‘É a leiteria! Voltou a leiteria!’ Sim, ele via ali, o dedo salvador da leiteria” (Rodrigues 1999: 72). Nelson conta quatro bolas do América na trave, placar final 1 x 0. Esta sorte merecida para ele se combina com outra verdade eterna do futebol:

Repito: – em futebol, não basta jogar bem. Com um timaço, e depois de estar ganhando de 3 x 0, o Vasco ainda foi empatar com o Bonsucesso. Ora, o Fluminense jogou bem domingo e foi superiormente orientado. Mas porque a leiteria esteve presente, e salvou, com a trave, quatro gols, eu a promovo a meu personagem da semana (72-73).²

Evidentemente, os próprios times figuram como protagonistas: o Fluminense, que era a paixão de Nelson Rodrigues, mas também o archi-inimigo Flamengo, assim como os outros clubes tradicionais do Rio de Janeiro. Igualmente protagonistas são os jogado-

² O lingüista Luiz César Saraiva Feijó define “leiteria” e “leiteiro” como expressões populares cariocas para designar goleiros extraordinariamente felizes (Saraiva Feijó 2002: 104).

res, que representam os personagens mais importantes e fascinantes, acima de todos Garrincha e Pelé, depois outros *craques* como Ademir – o personagem ausente em *A falecida* –, Amarildo – “o Possesso”, aludindo a Dostoiévski –, Didi – “o Príncipe Etíope de Rancho” e “Dono da Folha-seca” –, Leônidas da Silva – “o Diamante Negro” – etc.

Este conjunto de personagens, protagonistas e significantes povoa as crônicas rodrigueanas de futebol, que atingem o seu ponto máximo nos textos sobre as copas do mundo de 1950 a 1970. Representam um documento histórico polêmico que transforma a trajetória da derrota traumática no jogo decisivo da copa de 1950 em casa contra o Uruguai até a conquista do tricampeonato em 1970 no México no destino nacional do Brasil, na luta de cada brasileiro pela sua honra e dignidade. Cada vitória é uma superação do subdesenvolvimento, cada derrota uma catástrofe maior que a hiper-inflação. O Brasil aparece como o “país do futebol”, porém não dentro do imaginário do “futebol-arte” ingênuo, que ainda hoje continua vivo nas cabeças de muitos europeus, mas através da dedicação e paixão das pessoas pelo esporte. As três cores do Fluminense – vermelho, verde, branco – dentro do universo futebolístico carioca e brasileiro cristalizam toda a grandeza humana que o esporte é capaz de representar e incentivar. Por isto, o Fluminense e a paixão de seus torcedores são eternos, como afirma Nelson, mais antigos que a criação do mundo, mais antigos que o Nada, uma herança de encarnações anteriores. Ampliando esta paixão clubística, outras três cores – amarelo, azul, verde –, as cores da camisa brasileira desde 1953, e hoje em dia a marca inconfundível da *seleção*, viram o símbolo da nação, e em analogia ao Fluminense canalizam num nível elevado a dimensão transcendente dos clubes no palco do sistema mundial.

Porque outra dimensão do universo futebolístico de Nelson Rodrigues é a preocupação permanente com a identidade nacional brasileira. Não se trata de uma construção artificial de um modo de ser, de uma imagem romântica. Ao contrário, os exageros desmedidos e polêmicos têm a intenção de evidenciar o que é que torna um personagem humano, o que o torna integrante das comunidades do Fluminense, do Rio de Janeiro, do Brasil, da humanidade.

Também nesse aspecto se pode estabelecer uma analogia entre a natureza do literário e a do futebol: nas peças, nos contos e nas crônicas, o povo “humilde” dos subúrbios e da *zona norte* do Rio de Janeiro constituem um microcosmo urbano que projeta simultaneamente as dimensões universais humanas e a problemática da identidade nacional. Por consequência, é dentro desse mesmo microcosmo que se situa o universo futebolístico de Nelson Rodrigues. O futebol que para Nelson, afinal, só existe e acontece em dois espaços: no Rio de Janeiro e como *seleção*. Assim, para ele, todas as qualidades e características do futebol brasileiro, sua forma de jogo e a cultura que o rodeia e sustenta, condensam-se no Rio de Janeiro, numa constelação ideológica, estética e socialmente diferenciada. Uma redução consciente, que conta com uma única exceção significativa: o Santos FC, o clube de Pelé e responsável em grande parte pela fama internacional do futebol brasileiro nos anos 50 e 60. Na lógica rodrigueana, centrada no universo cultural do Rio de Janeiro, não é de estranhar que a maior encarnação do futebol brasileiro tenha que ser “carioca” também:

Vocês querem saber a última verdade sobre o Santos? Ei-la: – é o mais carioca dos times. Só por equívoco crasso e ignaro nasceu em Vila Belmiro. Mas a verdade é que, por índole, por vocação, por fatalidade – ele encontra, no Maracanã, uma dimensão nova e decisiva. [...]

E o pior é que até Vila Belmiro soa como um exílio porque o Santos nasceu no lugar errado. Sua verdadeira casa é o Maracanã. Ah, se ele conseguisse naturalizar-se carioca – seria uma equipe imbatível e eterna (Rodrigues 1999: 114).

4. O *escrete* transcende a nação

Para Alex Bellos, a importância de Nelson radica em grande parte na sua percepção profunda e na sua capacidade de enxergar verdades fundamentais a partir de uma compreensão subjetiva e irracional do futebol:

Nelson, without intending to, gave Brazilian football its clearest voice. [...] Nelson [...] articulated the hyperbolic passion of a fan. “I’m Fluminense, I always was Fluminense. I’d say I was Fluminense in my past lives.” He coined dozens of phrases that seem as relevant now as when he wrote them four decades ago. He described players like Pelé and Garrincha as transcendent icons – which no one had done before. Nelson was the first person to describe Pelé as royalty (249).

Confirmando esses argumentos, pode-se constatar que Pelé e Garrincha ocupam um lugar central nos textos rodrigueanos, que contribuíram para a glória mítica e carregada de significados dos dois jogadores. Depois de um 5 x 3 do Santos contra o América em 1958, com quatro gols de Pelé, o jogador que tinha então 17 anos foi escolhido por Nelson como “personagem da semana”: “[...] verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope” (Rodrigues 1999: 42). O que impressiona Nelson especialmente é a enorme autoconfiança do jovem jogador: “O que nós chamamos de realza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: – de se sentir rei, da cabeça aos pés” (42).

Este “coroamento” inoficial e precoce do posterior “maior jogador de futebol de todos os tempos” fazia parte da intuição de Nelson de que a Copa do Mundo no mesmo ano na Suécia iria finalmente terminar com o primeiro título para o Brasil. Porque a questão de vitória ou derrota de uma *seleção* brasileira é para Nelson exclusivamente interna: o Brasil tinha fracassado em 1950 por causa de sua “híbris”, em 1954 por causa do “complexo de vira-latas”, da consciência da própria inferioridade. Mas com um rei liderando o time o título poderia ser conquistado:

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com o clima dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós (44).

Garrincha, por sua vez, não encarnava a perfeição técnica e tática de Pelé, mas era para Nelson a quinta-essência do futebol e com isto do ser brasileiro: não era um “deus” ou “rei”, mas um herói popular, “a alegria do povo”, o “Mané” (Castro 2002). Na convocação de Nelson, Garrincha foi responsável pelos mais belos três minutos na história do futebol, no jogo contra a União Soviética na primeira fase da copa de 1958: o maior

mérito de Garrincha teria sido a sua inocência infantil que nem teoricamente era capaz de sentir medo do adversário – e naquele tempo o mundo inteiro tremia ante o “futebol científico” soviético. Por isto, o jogo – que o Brasil ganhou por 2 x 0 – foi decidido no momento em que Garrincha tocou pela primeira vez na bola, para iniciar “um baile irresistível através da zaga soviética” e “cravar a bola na trave” (Rodrigues 1999: 53-54).

A epopéia subjetiva e polêmica, e justamente por isto profunda e atemporal, da conquista brasileira do tricampeonato mundial entre 1950 e 1970 se veicula através da dupla Pelé e Garrincha – e a *seleção* brasileira nunca perdeu com os dois juntos em campo –, de seus estilos tão diferentes de jogar e de viver. Em conjunto e cada um por si eles formaram o centro dos times que ganharam os três títulos e fundaram o mito da *seleção* que Nelson Rodrigues ainda chama pela forma antiga e carinhosa de *escrete* ou *scratch*. É o time potencializado e transcendido que no campo de futebol ganha e perde partidas, mas no imaginário das pessoas vence e sucumbe em batalhas míticas.

Como já foi dito, o maior e único obstáculo para o triunfo brasileiro em 1950 era, na opinião de Nelson, o próprio Brasil, a falta de fé em si mesmo. A “tragédia nacional”, a “Hiroshima brasileira”, a “humilhação nacional, mil vezes pior que a de Canudos” (Rodrigues 1996: 24) – ou, tecnicamente falando, a derrota por 1 x 2 contra o Uruguai no último e decisivo jogo do campeonato em 16 de julho de 1950, no Maracanã lotado e construído especialmente para este triunfo – sempre volta nos seus textos para ser analisada. Nisto ele não é uma exceção. Este título não ganhou até hoje inspira obras literárias, historiográficas e teorias conspirativas.³ E isto apesar de o Brasil ter conquistado desde então o número hegemônico de cinco campeonatos mundiais.

Outra vez, não se tratou de meras anedotas. A dinâmica do processamento até hoje inacabado da derrota de 1950 indica motivos mais profundos, radicados na formação social e identitária da nação. No seu clássico *O negro no futebol brasileiro*, Mário Filho mostra que as elites brancas e europeizadas no Brasil só cederam com relutância à pressão surgida com a profissionalização do futebol, porque ela implica inevitavelmente uma abertura do esporte para as camadas pobres, e com isto também para jogadores negros. Ainda por cima foram esses jogadores negros que nas primeiras copas do mundo nos anos 30 encantaram o público internacional e cunharam as características do futebol brasileiro. Assim, critica Mário Filho, não foi por acaso que pela derrota de 1950 foram culpados antes de mais ninguém os jogadores negros da *seleção*:

Basta lembrar que a derrota do Brasil em 50, no campeonato mundial de futebol, provocou um recrudescimento do racismo. Culpou-se o prêto pelo desastre de 16 de julho. [...].

A prova estaria naqueles bodes expiatórios, escolhidos a dedo, e por coincidência todos prêtos: Barbosa, Juvenal e Bigode. Os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada (Filho 1964: sem pag.).⁴

³ Por exemplo Moraes Neto (2000), Perdigão (2000), Nogueira/Soares/Muylaert (1994).

⁴ Vide a análise do jogo e de seus efeitos em Filho (1964: 331-337) e também em Miranda Pereira (2000: 332). Interessante é a analogia com esta creolização do Brasil nas ciências sociais, como foi propagada por Gilberto Freyre no seu clássico *Casa Grande e Senzala* (1933). Cf. o prefácio de Freyre em *O negro no futebol brasileiro*, onde ele exige que se reconheça finalmente a realidade cultural e étnica do país no futebol e através dele, e que se perceba o potencial produtivo ali contido, para valorizar esta diferença interna. Freyre compara o futebol brasileiro com a dança: “O desenvolvimento do futebol, não num

O primeiro choque sofrido por uma auto-estima exagerada, imposta por parte dos funcionários e da sociedade (334) que no fundo não tinha absolutamente resolvido a questão de sua identidade, desmontou esta construção precária, mostrando por trás da mal elevada fachada da harmonia social e racial os ressentimentos e as exclusões existentes. É o que Nelson critica de forma concisa e dolorosa com o “complexo de vira-latas”, a falsa idéia de inferioridade daquele que acredita ser atrasado e subdesenvolvido e que, de modo quase masoquista, continua lambendo esta ferida da auto-humilhação. “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (Rodrigues 1999: 52). Percebe-se que os ataques permanentes de Nelson contra este complexo implicam mais do que só o futebol e o desejo de uma vitória brasileira no futuro; o que está em jogo é como a nação se posiciona perante si mesma através do seu mais importante elemento de representação cultural e social.

Ante este pano de fundo se evidencia amplamente a variedade de significados que jogadores como Garrincha representavam para Nelson e para o futebol brasileiro: Garrincha, mestiço descendente tanto de negros quanto de índios, do interior e sem instrução, sem consciência do mundo moderno que estava penetrando no Brasil e no seu futebol. Fisicamente tudo menos um atleta exemplar, com duas pernas tortas, que os médicos – “idiotas da objetividade” – tinham diagnosticado como inaptas para o esporte. Além disso, apresentava um modo de vida contra as convenções, com numerosos filhos (vários deles ilegítimos), uma esposa abandonada, “amancebado” com a cantora Elsa Soares e sem disciplina para treinar e viver conforme as normas. Com todas essas fraquezas e imperfeições, Nelson nunca deixa de defender Garrincha como a encarnação mais pura do futebol brasileiro.

Pouco antes da Copa do Mundo na Suécia, Nelson declarou que Pelé era um “rei”. No jogo de primeira fase contra a União Soviética, revelou-se “seu Manuel” Garrincha. Combinando estes dois elementos tão contraditórios o Brasil conquistou o primeiro campeonato mundial e se posicionou perante o mundo como verdadeiro “país do futebol”. Com o glorioso 5 x 2 na final contra os anfitriões o Brasil supera o seu complexo e se redefine através do futebol:

O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos – o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas.

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo (60-61).

esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Mário Filho pode dizer que êle está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais” (Freyre 1964: X). Tal nova auto-estima com referência à heterogeneidade étnica no e através do futebol só foi possível a partir de 1958. Cf. o estudo sócio-histórico de Eisenberg (1997b: 7-21) e o papel do regime Vargas com respeito ao esporte em Caldas (1997).

E neste contexto não falta a alusão malévola contra a tese do “povo triste” de Paulo Prado: “E vou mais além: – diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada” (61).⁵

Em 1962, no Chile, o bicampeonato, que para Nelson era uma conseqüência lógica e inevitável da hegemonia brasileira, foi a façanha de Garrincha, porque Pelé teve que sair do campeonato em razão de uma contusão. Em conjunto com Amarildo, batizado imediatamente por Nelson como “o Possesso”, Garrincha liderou o time, como no 2 x 0 contra a Espanha, nas oitavas-de-final. Garrincha sozinho driblou toda a zaga espanhola:

No fim, não havia mais ninguém para driblar, ninguém. E Mané, que no fogo mais infernal tudo vê e tudo sabe, passa para Amarildo. Mas não foi um passe qualquer. nem a cabeça de são João Batista foi tão na bandeja como aquela bola de Garrincha. Estava lá Amarildo, o possesso Amarildo, o rútilo epilético. E então ele enfiou a sua cabeçada mortal. Aquilo era o Brasil (88).

Uma única jogada, coroada pelo gol na percepção e narração de Nelson, é capaz de conter e expressar a essência da nação. De modo idêntico, é um único jogador que leva todo o Brasil ao bicampeonato: Garrincha sozinho e com febre contra onze tcheco-eslovacos, no 3 x 1 na final. Garrincha encarna frente aos poderes mundiais a jovem nação, que se manifesta e realiza num futebol infantil e despreocupado.

Se aparecesse, na hora, um grande poeta, havia de se arremessar, gritando: – “O homem só é verdadeiramente homem, quando brinca!”. Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo o brasileiro, está todo o Brasil. E jamais Garrincha foi tão Garrincha, ou tão homem, como ao imobilizar, pela magia pessoal, os onze latagões tchecos, tão mais sólidos, tão mais belos, tão mais louros do que os nossos (Rodrigues 1994: 80).

Para Nelson, este momento de triunfo repetido e soberanamente obtido é a ocasião de marcar a diferença entre o futebol brasileiro e o europeu – agora claramente decidida a favor do brasileiro – e ligá-la às qualidades socioculturais dos jogadores:

[O europeu v]inha certo, certo, da vitória. Havia, porém, em todos os seus cálculos, um equívoco pequeno e fatal. De fato, ele viria apurar que o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem o mesmíssimo futebol seria o desastre. Eis o patético da questão: – a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana. [...] Para nos vencer, o alemão ou suíço teria de passar várias encarnações aqui. Teria que nascer em Vila Isabel, ou Vaz Lobo. Precisaria ser camelô no Largo da Carioca. Precisaria de toda uma vivência de boteco, de gafeira, de cachaça, de malandragem geral (80).

Retomando o conceito da malandragem como característica autenticamente brasileira, que remonta até ao século XIX, Nelson Rodrigues volta a interligar o jogo no campo com os elementos culturais da vida brasileira, e ainda mais: a projeção do Brasil para o

⁵ Lembre-se do subtítulo de *Retrato do Brasil* (1928): *Ensaio sobre a tristeza brasileira*; e a primeira frase do livro que afirma: “Numa terra radiosa vive um povo triste” (Prado 2002: 29).

Rio de Janeiro através do conceito da malandragem, pois os lugares e espaços mencionados provêm diretamente do universo da sua obra literária.⁶

Em 1966, na Inglaterra, ocorre outro corte doloroso para o futebol brasileiro. O que mais revolta Nelson Rodrigues é o fato do público brasileiro se resignar-se com o fracasso de sua *seleção* e até achar que era merecido por não estar à altura do jogo europeu. De novo se manifesta a auto-humilhação do subdesenvolvido:

Amigos, o mínimo que se pode esperar do subdesenvolvido é o protesto. Ele tem de esperar, tem de subir pelas paredes, tem de se pendurar no lustre. Sua dignidade depende de sua indignação. Ou ele, na sua ira, dá arrancos de cachorro atropelado, ou temos de chorar pela sua alma.

E, vamos e venhamos, nada mais abjeto do que o subdesenvolvimento consentido, confesso e até radiante (126).

Os ingleses, ao contrário, com o cinismo natural de uma nação industrializada, antigo poder colonial, não viam problemas em ganhar títulos com a ajuda dos árbitros e com dureza exagerada. Mas a imprensa brasileira dava razão aos ingleses, em vez de defender a seleção cujo futebol-arte fora brutalmente destruído:

Então eu vi que a tragédia do subdesenvolvimento não é só a miséria ou a fome, ou as crianças apodrecendo. Não. Talvez seja um certo comportamento espiritual. O sujeito é roubado, ofendido, humilhado e não se reconhece nem o direito de ser vítima (127).

O complexo de inferioridade volta a dominar o país, que acreditava ter provado, pelo menos no futebol, que era mais do que igual ao mundo. A imprensa e o público caem no extremo contrário à euforia desmedida e declaram que o futebol brasileiro não tem qualidade suficiente. Mais uma vez Nelson entretece na sua argumentação polêmica os universos do futebol, da política global e do Rio de Janeiro:

Estávamos esquecidos, sim, estávamos desmemoriados do nosso subdesenvolvimento. E, súbito, vem a frustração hedionda do tri. Ontem mesmo, eu vim para a cidade, no ônibus, com um confrade. Súbito, constato o seguinte: – o colega babava na gravata. E o pior é que não havia, ali, à mão, um guardanapo. Eu ia adverti-lo, quando descobri que todos, no coletivo, faziam o mesmo. Percebi tudo: – perda da Copa, deu no povo essa efervescente salivagem. Repito: – pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o telefone para mim. Antes do bom-dia, disse-me ele: – “Voltamos a ser vira-latas!” (Rodrigues 1994: 122).

Em 1970, Pelé – já mais “deus” do que “rei” – lidera a *seleção* no México para o tricampeonato – o primeiro da história –, que irreversivelmente conquista os corações e a admiração dos torcedores no mundo inteiro. Mas antes do torneio o público e a imprensa no Brasil previam outro fracasso e despediram-se da *seleção* com vaias. Só Nelson sem-

⁶ Acerca do significado da “malandragem”, partindo da evolução sociocultural do Rio de Janeiro enquanto capital do Império Português no início do século XIX, cf. o ensaio clássico de Antonio Candido (2004) sobre o romance *Um sargento de milícias* (1852) de Mauel Antônio de Almeida.

pre acreditou nas qualidades do *escrete*, e a partir da semi-final volta para o centro dos seus textos a dimensão do futebol que eleva e transcende o homem e a nação. Ainda antes do jogo, justamente contra o Uruguai, ele faz um balanço do caminho rumo ao tri-campeonato, refletindo sobre o significado desse triunfo. O povo, confiante de novo nas vitórias da *seleção*, reconciliado consigo mesmo, volta a gostar de ser brasileiro. E àquelas que reduzem o futebol a mero esporte, Nelson responde:

Meu Deus, não sejamos cegos. O *escrete* tem outras dimensões vitais decisivas. Por exemplo: – o gol contra a Inglaterra. Um lance perfeito, irretocável. Tostão driblou três ingleses, Pelé enganou mais três e Jairzinho liquidou o sétimo inglês. E naquele instante Tostão driblava por nós, Pelé enganava por nós, Jairzinho marcava por nós. Portanto, e aqui vai o óbvio: – o *escrete* realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas (Rodrigues 1994. 151).

O Brasil vence na semifinal por 3 x 1, uma vitória histórica contra o fantasma de 1950. Agora Nelson vê o Brasil já como campeão indiscutido, a final contra a Itália nem precisaria ser disputada tendo em vista a dominação humilhante do futebol brasileiro. Aprendeu-se a lição de 1966, mas – adverte Nelson – não como queriam os “entendidos”, europeizando o futebol brasileiro, mas pura e simplesmente aperfeiçoando as suas qualidades:

Os *entendidos* viviam atribuindo aos jogadores europeus uma saúde de vaca premiada. Os brasileiros não subiam três degraus de uma escada sem dispnéia pré-agônica. E vem a Copa e demonstra, inversamente, que a saúde, a resistência, a vitalidade, estão com a gente. E a famosa e burríssima velocidade? Só os europeus sabiam correr, e o brasileiro levava meia hora para ir de uma esquina a outra esquina. Mentira, tudo mentira. Nós corremos muito mais. Apenas a nossa velocidade é mais inteligente e menos obtusa. Mas eu queria um favor dos *entendidos*, ou seja: – que admitissem a forma física dos nossos jogadores. E lançassem um manifesto, proclamando: – “As vacas premiadas somos nós!” (156-157).

Nelson acertou, mais uma vez. A dominação brasileira se mostrou de forma impressionante na final contra a Itália. A vitória por 4 x 1 até hoje é considerada uma das maiores e mais soberanas finais na história das copas do mundo. “Amigos, foi a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos. Desta vez, não há desculpa, não há dúvida, não há sofisma. Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso” (Rodrigues 1999: 191).

5. Futebol e literatura se complementam

Futebol e literatura, futebol e ciências sociais têm hoje no Brasil uma ligação estreita, de inspiração mútua, e que em conjunto com outros elementos da cultura brasileira (como o carnaval, o sincretismo religioso, a mídia de massas e a cultura popular) abre um vasto campo de fenômenos e reflexão.

Hélio Sussekind explica a significância fundamental que a interrelação entre futebol e literatura/jornalismo tem até hoje e para a qual Nelson Rodrigues contribuiu de forma decisiva. Com as suas crônicas outorgou ao futebol uma dimensão metafísica e irra-

dição mítica que garantem que cada jogo e cada campeonato mantenha uma vitalidade e efeitos para além de si. Hoje faltaria ao futebol exatamente esta aura mítica e irracional porque comentaristas e “entendidos” inflacionários sofrem da falta de imaginação e coragem de serem subjetivos e exagerados – o que certamente se estende à representação do futebol na mídia em geral (Sussekind 1996: 83). Nos anos 60, Nelson Rodrigues lamentou a morte de Mário Filho, melhor comentarista do futebol brasileiro. Hélio Sussekind comenta:

Mas ainda havia um Nelson Rodrigues então. Nelson jamais teria o rigor e a preocupação com a pesquisa e a veracidade histórica de Mário Filho. Mas produziria o que de mais extraordinário se imaginou escrever sobre futebol. Só ele era capaz de, em plena década de 70, voltar a um Fla-Flu de 1919 e dedicar toda uma crônica a algo que acontecera há 56 anos. Era como, a seu modo, mantinha presente a face épica do futebol. Isso sem estar preocupado com a exatidão, mas com uma certa interpretação filosófica de fatos que começavam no futebol para se transformar em considerações sobre a alma nacional ou sobre o ser humano. Nelson conseguiu a proeza de fundar uma metafísica do futebol que se encerrou com a sua morte (84).

É decisiva a ligação inseparável entre o futebol como esporte e o futebol como narração. Porque o futebol constitui uma história que precisa ser contada:

Mas o fato é que comparecer aos campos de futebol foi sempre o veículo de transmissão das experiências acumuladas. A história oral do futebol e a rememoração dos grandes jogos e ídolos se faz no trajeto de casa para o campo e nos momentos que antecedem as partidas, já no estádio. É esta forma de transmissão via narrativa oral que está ameaçada.

O risco está no fato de que o futebol é uma história que precisa ser narrada e renarrada todo o tempo. Já se viu que esta narração obedece a um sentido épico e a outro romanesco (84).

O esporte vive no presente e no futuro só quando o seu passado é atualizado e lembrado, em infinitas repetições e variações, em analogia exata às técnicas narrativas de Nelson Rodrigues nos diferentes gêneros textuais por ele cultivados e com o recurso dos exageros e das elevações só aparentemente desmesurados dos fatos e acontecimentos:

Amigos, o gostoso, na irradiação de futebol, é a fantasia delirante. O confrade do microfone está sempre descrevendo um lance que não houve. Ou por outra: – ele apanha um fato e o retoca, transfigura e, numa palavra, enfeita o fato como um índio de carnaval. Cada jogo tem três versões sem a menor semelhança entre si: – a do rádio; a do videoteipe e a do torcedor. [...]

Para meu gosto, a imagem mais fidedigna dos jogos vem, justamente, do rádio. Alguém dirá que os locutores são meio delirantes. Mas aí que está: – é pelo delírio que se chega à essência de tudo. Com uma imaginação de Tartarin, o speaker faz de um simples e reles arremesso lateral um ato de vertiginosa transcendência. O jogador que o cobra vira um rei, ou um príncipe, ou um saltimbanco shakespeariano (Rodrigues 1996: 26).

O verdadeiro significado de um jogo surge fora do campo, é preciso imaginar e exagerar, narrar e ornamentar os acontecimentos. Por esse caminho a paixão pelo futebol, tão presente e constitutiva na vida e obra de Nelson Rodrigues, pode ser utilizada para se aproximar não só da alma do jogo como é cultivado no Brasil, mas também das lógicas e

relações internas que caracterizam a realidade social e cultural desse país. Lembrando a analogia entre futebol e teatro em Nelson Rodrigues, estabelecida por Flora Sussekind, que menciona como pontos em comum a regulamentação temporal e contextual de ambas formas de jogo, pode-se combinar esta leitura futebolística da obra rodrigueana com as reflexões de Roberto DaMatta que através de uma análise do futebol dentro do seu contexto social – como “duas caras da mesma moeda” (DaMatta 1982: 23) – chega a um conhecimento sobre a própria sociedade brasileira (21). E seguramente não é por acaso que o sociólogo que tenciona “ler” o jogo tenha antes estudado as relações entre o carnaval e a sociedade no Brasil. A proximidade íntima entre carnaval e futebol na cultura brasileira ficou visível, por exemplo, quando em 1934 Mário Filho, então redator-chefe do jornal *Mundo Esportivo*, transferiu o princípio do campeonato para a mesma época do carnaval carioca, que desta forma se tornou um dos eventos culturais mais conhecidos do mundo. Assim, Mário Filho promoveu uma espécie de carnavalização do futebol, com competições informais entre as torcidas, que deviam se superar em imaginação criativa com fantasias, música e coreografias (Bellos 2003: 124).

Interessante ainda que o sociólogo DaMatta retome o conceito do “drama” para descrever o elemento que possibilita a análise simultânea de futebol e sociedade: “Estudando o **futebol** e o esporte como um drama, pretendo analisar essas atividades como modos privilegiados através dos quais a sociedade se deixa perceber ou ‘ler’ por seus membros” (DaMatta 1982: 21). Chama a atenção igualmente o uso do verbo “ler” – e DaMatta desenvolve todo um método sociológico de “leitura do sistema social brasileiro através do futebol” (21) que aproxima a sua visão daquela do crítico literário, que através da leitura do texto encaminha a sua leitura da realidade social. Neste respeito, o entrelaçamento de futebol e sociedade é elucidante, pois DaMatta enxerga justamente no futebol e na sua percepção social no Brasil uma analogia com o drama biográfico e individual tanto das pessoas, quanto dos times e jogadores por elas acompanhadas:

[O] jogo de futebol demarca com nitidez uma interação complexa entre as regras universais (as regras do jogo) e vontades individuais (das equipes e jogadores, em confronto). O resultado disso, como vitória ou derrota, é uma boa metáfora para o jogo como destino e biografia, tema básico da própria sociedade brasileira (31).

Através desta ligação semiótica Nelson Rodrigues consegue que o grito vascaíno desesperado de Tuninho na cena final de *A falecida* expresse o drama existencial do marido traído e viúvo de luto, que um passe ou drible ou gol mude a história, que problemas e conflitos fundamentais da realidade brasileira sejam representados, transformados, solucionados pelas vitórias e derrotas do Fluminense ou da *seleção*:

Em 1965, uma depressão profunda se apoderou de todo o Brasil. Qual foi o motivo?, pergunta-se Nelson. Não foi a inflação, mas a ausência de Garrincha da *seleção* depois do bicampeonato em 1962: “O Brasil andava triste porque nos faltava Garrincha. Como pode o brasileiro rir, ou sorrir, sem o Mané?” (Rodrigues 1994: 97). Ele volta para o *escrete* num amistoso contra a Bélgica que o Brasil vence por 5 x 0. Não é a simples volta de um simples jogador, é Lázaro ressuscitado dos mortos que entra em campo para alegrar toda a nação: “No momento em que ele e Pelé fizeram, num canto do Maracanã, um olé solitário, solitário e perfeito como um canto de cisne, até a inflação bateu palmas. E todo esse povo sentiu-se quase onipotente” (97).

Bibliografia

- Adler Perreira, Vitor Hugo (1995): “Nelson Rodrigues: Dramático cronista”. Em: Beatriz Rezen-de (ed.): *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, pp. 131-149.
- (1999): *Nelson Rodrigues e a obs-cena contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Bellos, Alex (2003): *Futebol. The Brazilian Way of Life*. London: Bloomsbury Publishing.
- Caldas, Waldemyr (1997): “Brasilien”. Em: Eisenberg, Christiane (ed.): *Fußball, soccer, calcio. Ein englischer Sport auf seinem Weg um die Welt*. München: dtv, pp. 171-184.
- Candido, Antonio (2004): “Dialética da malandragem”. Em: Candido, Antonio: *O discurso e a cidade*, 3.^a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, pp. 17-46.
- Castro, Ruy (1992): *O anjo pornográfico. A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2002): *A estrela solitária. Um brasileiro chamado Garrincha*, 9.^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras
- DaMatta, Roberto (1982): “Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. Em: DaMatta, Roberto et al.: *Universo do futebol. Esporte e Sociedade Brasileira*. Roberto daMatta, Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Lahud Guedes, Arno Vogel. Com uma introdução de Roberot DaMatta. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, pp. 19-42.
- Eisenberg, Christiane (1997a) (ed.): *Fußball, soccer, calcio. Ein englischer Sport auf seinem Weg um die Welt*. München: DTV.
- (1997b): “Einleitung”. Em: Eisenberg, Christiane (ed.): *Fußball, soccer, calcio. Ein englischer Sport auf seinem Weg um die Welt*. München: dtv, pp. 7-21.
- Facina, Adriana (2004): *Santos e canalhas. Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Filho, Mário (1964): *O negro no futebol brasileiro. Segunda edição, ampliada em forma definitiva*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Freyre, Gilberto (1964): “Prefácio”. Em: Filho, Mário: *O negro no futebol brasileiro. Segunda edição, ampliada em forma definitiva*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira 1964, pp. IX-XII.
- Miranda Pereira, Leonardo Affonso de (2000): *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Moraes Neto, Geneton (2000): *Dossiê 50. Os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Perspectiva.
- Nogueira, Armando/Soares, Jô/Muylaert, Roberto (1994): *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Perdigão, Paulo (2000): *Anatomia de uma derrota*. Rio de Janeiro: L&PM Editores.
- Prado, Paulo (2002): “Retrato do Brasil”. Em: Santiago, Silvano (ed.): *Intérpretes do Brasil*, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, pp. 29-104.
- Rodrigues, Nelson (1991): *O reacionário. Memórias e confissões*. Seleção de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1993): “A falecida. Tragédia carioca em três atos”. Em: Rodrigues, Nelson: *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, pp. 731-779.
- (1994): *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1995): *A cabra vadia. Novas confissões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1996): *O remador de Ben-Hur. Confissões culturais*. Seleção e organização Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1999): *À sombra das chuteiras imortais. Crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2002): *O profeta tricolor. Cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2006): *Gooooooooo! Brazilianer zu sein ist das Größte*. Tradução de Henry Thorau. Frankfurt/Main: Suhrkamp.

-
- Saraiva Feijó, César (2002): *Balançando o véu da noiva. A dramática linguagem figurada do futebol*. Rio de Janeiro: Sociedade de Língua e Literatura.
- Sussekind, Flora (1977): *Nelson Rodrigues e o fundo falso*. I Concurso Nacional de Monografias do Serviço Nacional de Teatro – 1976. Brasília: MEC.
- Sussekind, Hélio (1996): *Futebol em dois tempos. Incluindo uma breve história do futebol carioca e uma ficção: crônica póstuma inédita de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.